

Paz seja nessa casa!

O caminho da paz para um mundo transformado – Reflexões a partir de Lucas 10.1-11

Marga J. Ströher*

Resumo: O enfoque dessa reflexão é horizonte de ação em favor da paz e uma cultura de paz. O texto bíblico motivador é o do envio de 70 discípulas e discípulos em missão de paz em Lc 10.1-11, em que indica um movimento de missão para além das fronteiras geográficas antes visitadas. Nesse envio, é enfatizada a recomendação de anúncio de paz ao entrar em uma casa – A paz esteja nessa casa! – o que indica um propósito de presença amistosa e um voto de bem-aventurança. E, além de outras, uma recomendação importante é a de aceitar os alimentos que são oferecidos, o que aponta para uma atitude ecumênica da casa e mesa comum dentro de um grupo culturalmente diferente e de hábitos alimentares diferenciados. E, a partir do desafio do Conselho Mundial de Igrejas, com a Década Ecumênica para Superaração da Violência (2001-2010), destaco temas teológicos relevantes tomados do documento de motivação para essa Década: Cristologia da paz, Missiologia da paz/comunidades de shalom, Justiça e paz como forma e funções da igreja e Espiritualidade para uma cultura de paz.

Resumen: El enfoque de esta reflexión es horizonte de acción a favor de la paz y una cultura de paz. El texto bíblico motivador es el envío de 70 discípulas y discípulos en misión de paz en Lc 10.1-11, que indica un movimiento de misión más allá de las fronteras geográficas antes visitadas. En este envío, es enfatizada la recomendación de anuncio de paz al entrar en una casa – ¡La paz esté en esta casa! – lo que indica un propósito de experiencia amistosa y un voto de Bienaventuranza. Y, además de otras, una recomendación importante es la de aceptar los alimentos que son ofrecidos, lo que señala para una actitud ecuménica de la casa y mesa común dentro de un grupo culturalmente diferente y de hábitos alimentarios diferenciados. Y, a partir del desafío del Consejo Mundial de Iglesias, con la década Ecuménica para la Superación de la Violencia (2001-2010), destaco temas teológicos relevantes tomados del documento de motivación para esa década: Cristología de la paz, Misiología de la paz/Comunidades de shalom, Justicia y paz como forma y funciones de la iglesia y Espiritualidad para una cultura de paz.

* Dra. Marga J. Ströher é professora de Novo Testamento na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, RS.

Abstract: The focal point of this reflection is the horizon of an action for peace and for a culture of peace. The motivating biblical text is the sending out of 70 female disciples in a mission of peace in Luke 10.1-11, a missionary movement beyond previously visited geographical borders. In this sending the recommendation to announce peace when entering a house – Peace be with this house! – is emphasized, which indicates the purpose of amicable presence, a blessing, a beatitude. Another important recommendation, to accept the food they are offered, points to a common ecumenical household attitude within a culturally diverse group with different eating habits. Moreover, taking up the challenge of the World Council of Churches with its Ecumenical Decade to Overcome Violence (2001 – 2010), the author highlights relevant theological topics from the motivational document for this decade: Christology of Peace, Missiology of Peace/Shalom Communities, Justice and Peace as form and function of the church and Spirituality for a culture of peace.

1 - O texto em tempo e espaço

O Evangelho de Lucas surgiu depois do Evangelho de Marcos e foi redigido depois de 70 E.C. (Lc 21.20 faz uma alusão à destruição do templo), possivelmente em torno do ano 85 E.C. Para o interesse deste texto não cabe fazer uma discussão sobre a autoria desse Evangelho. Apresenta-se relevante considerar a época de sua composição, a fim de compreender suas palavras nesse contexto e algumas peculiaridades de sua redação e de sua mensagem.

Quanto à sua redação, o autor desse evangelho usa explicitamente o método de compilação, apresentado em sua introdução (1.3-4), onde é relatado que faz uma cuidadosa pesquisa e seleção da tradição oral e de fontes escritas, organiza a narrativa segundo seu critério cronológico (kathexês) e a envia a Teófilo¹, para que tenha melhor conhecimento das palavras nas quais foi instruído. Boa parte da seqüência dos textos que aparecem nos Evangelhos de Marcos e Mateus é preservada, embora haja algumas omissões ou inversões. No entanto, estes são intercalados com matéria exclusiva, que é abundante em Lucas. Ele inicia e termina a narrativa com uma cena no templo de Jerusalém, evidenciando o vínculo com a tradição judaica e a continuidade da história da salvação, desde a caminhada do povo de Israel e a atuação de Jesus, até o presente da igreja. Os elementos de continuidade e descontinuidade – ou mesmo alguns deslocamentos e rupturas – das primeiras comunidades cristãs já aparecem de forma explícita: aproximação e distanciamento do templo, espaço rural e espaço urbano, cultura judaica e cultura helênica, Palestina e Ásia Menor.

O autor desse evangelho, possivelmente um cristão de origem gentílica ou judeu-helenista, procura apresentar ao mundo gentílico a mensagem cristã através da reconstituição da história de Jesus e dos primórdios da Igreja. A convicção é a de que a salvação deve ser anunciada de maneira ampla. A temática da missão, desenvolvida de maneira mais ampla para além das fronteiras da Palestina em Atos, possivelmente de mesma autoria², já está

1 Pode ser um nome simbólico a partir de seu significado, amigo de Deus. Segundo RICHARD, P. O Evangelho de Lucas – Estrutura e chaves para uma interpretação global do evangelho. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 44, p. 10, 2003, “Teófilo é possivelmente uma pessoa concreta ou, mais possivelmente, um nome coletivo para designar todos aqueles que acolhem o Evangelho”.

2 Pablo RICHARD considera plausível que a obra de Lucas e Atos tenha sido originalmente uma única obra, e que Lc 1.1-4 era o prólogo histórico e Lc 1.5-4.13 o prólogo teológico do conjunto da obra, na qual o relato da paixão e ressurreição em Lucas (22-24.1-49) e o da ascensão em Atos (1.9-11), incluindo o testamento de Jesus (Lc 24.44-49 e At 1.1-6), seriam o centro da obra. Cf. RICHARD, 2003, p. 8.

presente no Evangelho de Lucas. Dentro da perspectiva missionária, a transformação pessoal é destacada tanto quanto a expansão geográfica³. A seguir, destaco algumas temáticas ou aspectos relevantes para a reflexão nesse texto.

A mesa, como espaço de comunhão, mas também de possíveis conflitos, é um elemento teológico de importância nesse evangelho, a qual é apresentada de diversas formas e em diferentes situações: a mesa de Levi e dos publicanos, do fariseu e da mulher “pecadora”, e dos pães compartilhados (5.29-32; 7.36-50; 9.12-17). A mesa de Marta e Maria, dos fariseus e escribas e dos fariseus em dia de sábado (10.38-42; 11.37-54; 14.1-24); a ceia pascal, a mesa de Emaús e a mesa de Jerusalém (22.14-27; 24.28-32; 24.36-42), a mesa do Reino (13.28-29; 22.28-30). E também aparece em parábolas como a mesa do senhor que serve aos escravos, a que o pai prepara para o filho que retorna à casa, a da grande ceia e a do rico que despreza e não compartilha com o pobre Lázaro (12.35-37; 14.15-24; 15.22-24; 16.18-31)⁴.

Em Lucas, ao lado da participação masculina, o protagonismo das mulheres aparece como parte da história salvífica e do discipulado. Já no início aparecem Maria e Izabel de forma bastante ativa dentro da história da salvação, cujo relato é de “uma beleza estética e uma profundidade teológica ímpares”⁵. Maria conversa com o anjo, pronuncia o subversivo cântico; Izabel sabe da importância da própria gravidez e põe o nome de João no filho. Ela profere sua bênção a Maria, pois reconhece profeticamente quem é o filho que esta traz no ventre. E Ana pronuncia seu cântico pela alegria desse nascimento (2.36-38). No decorrer do evangelho, muitas mulheres são identificadas como discípulas (Lc 8.1-3; 23.49) – muitas mulheres, entre elas, Maria Madalena, Joana e Suzana, Marta e Maria. Jesus hospeda-se na casa de duas mulheres, Marta e Maria (10.38-42). E cura mulheres: a sogra de Simeão (4.38-39), a mulher com hemorragia (8.43-48) e a mulher encurvada (13.10-17). Mulheres são apresentadas como modelo de discipulado: a mulher que ungiu os pés de Jesus será memória no anúncio de

3 CASALEGNO, A. Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas. *Perspectiva Teológica*, v. 28, n. 75, p. 191, 1996.

4 Para conferir mais detalhes em relação à importância da mesa nesse evangelho confira GALLAZZI, S. Eu estou no meio de vocês como aquele que serve à mesa! (Lc 22,27). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. n. 44, p. 113-137, 2003. O autor, ao analisar o Evangelho de Lucas, destaca dez tipos diferentes de mesas: de Levi, ou seja, das pessoas pobres e rejeitadas, da misericórdia, do pão repartido, da palavra, da hipocrisia, dos servos do reino, do perdão, da nova comunidade, da última Páscoa em Jerusalém, da ressurreição.

5 REIMER, I. R. E a salvação se fez corpo – Lucas 1-2 numa perspectiva feminista. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 44, p. 38, 2003.

Cristo (7.36-50); a mulher persistente é modelo para a oração (18.1-9); a mulher, na parábola da moeda perdida (15.8-10), é modelo de Deus; a viúva pobre é modelo de oferta e desprendimento (21.1-4). Muitas dessas situações e atividades acontecem ou estão vinculadas ao âmbito da casa. Contudo, faz-se necessário considerar que a casa é o centro da vida social de homens e mulheres no mundo antigo e é o espaço de reprodução e produção de seres, bens e rituais religiosos, não correspondendo aos limites estreitos das divisões entre público e privado que conhecemos em nosso contexto⁶.

Entre os temas teológicos importantes, cabe destacar a defesa dos pobres nesse evangelho. Os pobres aparecem no Magnificat e no pedido de João para repartir túnicas e comida (3.10s.) e no anúncio profético de Isaías em Lucas 4. As bem-aventuranças dirigem-se em especial às pessoas pobres, famintas, que choram e são odiadas. Pobres aparecem em evidência na Grande Ceia (14.15-24), nos chamados “quatro ais” (6.20-23; 24-26), nos convidados para o banquete (Lc 12.12-24), na história sobre o rico e Lázaro (16.19-31) e no texto sobre Zaqueu (19.1ss.). Em contrapartida, apresenta um posicionamento crítico em relação aos ricos e à riqueza⁷. E a misericórdia e a defesa dos mais fracos e necessitados⁸ são temas importantes desse evangelho. Há uma simpatia com os samaritanos, os quais são colocados como modelo de fé e atitude ética⁹.

2 - A missão de paz – Lucas 10.1-11

Esse texto localiza-se, dentro da estrutura de Lucas, na longa descrição do caminho de Jesus da Galiléia em direção a Jerusalém (9.51-19.44)¹⁰. Nesse deslocamento geográfico é mencionado que Jesus andava na fronteira entre a Samaria e a Galiléia (17.11). O destaque é o caminho desde a Galiléia até Jerusalém e os acontecimentos que dele faziam parte.

O texto apresenta um número ampliado de discípulas e discípulos

6 SEIM, T. K. *The Gospel of Luke*. In: FIORENZA, E. S. (Org.). *Searching the Scriptures. Volume Two: A Feminist Commentary*. New York: Crossroad, 1995. p. 729-762, propõe uma desconstrução de gênero do Evangelho de Lucas a partir da forma como o terceiro evangelista apresenta as mulheres, sugerindo, de maneira mais sutil e indireta que as parêneses, a submissão e redução de sua atuação ao mundo doméstico, mesmo que elas sejam apresentadas nesse evangelho como discípulas de Jesus.

7 Cf. 3.11-14; 6.24-26; 12.13-21; 14.7-24; 18.18-30; 19.1-10.

8 Cf. 4.16-20; 6.20-23; 12.12-24; 16.19-31; 19.1-10.

9 Cf. 9.51-56; 10.25-37; 17.11-19.

10 Lucas utiliza as Fontes Q e Marcos, que são interpretadas e resignificadas segundo as peculiaridades de seu contexto. Para mais detalhes, confira RICHARD, 2003, p. 17.

enviados para uma tarefa missionária, sugerindo um número maior do que doze discípulos envolvidos na obra missionária. A situação daquele momento exigia desdobramentos específicos para a concretização da missão e indicava como a comunidade cristã, a partir dos ensinamentos de Jesus, entendia seu papel, agora fora das fronteiras de Israel, em direção a Samaria, Síria, Ásia Menor, Grécia e Roma.

O texto apresenta alguns elementos simbólicos ou metáforas, como o número setenta – ou setenta e dois em alguns manuscritos –, a colheita, as ovelhas no meio de lobos, o trabalhador vale por seu salário. O número setenta é simbólico e possivelmente é referência à tabela dos povos de Gênesis 10, segundo a qual a humanidade deriva de setenta povos, descendentes de Noé. Embora as imagens remanescentes sejam próprias do contexto rural, o grupo é enviado às cidades, tendo as casas como local de referência.

2.1 - A dinâmica da missão de paz

2.1.1 - A proposta

O envio de setenta pessoas representa uma atuação de impacto. Um dos objetivos é ir à frente para preceder Jesus pelos lugares em que passaria no caminho a Jerusalém – semelhante à perícopes de 9.51-56, em que mensageiros são enviados com a mesma tarefa. O envio em duplas parece uma prática comum na missão cristã e já aparece em Paulo (Paulo atuando com Barbabé, Timóteo ou Silas, por exemplo, e mesmo duplas de homens e mulheres, como a irmã mulher – *adelphé gynaika*, – que acompanha os apóstolos, mencionada em 1 Co 9.5, Andrônico e Junias, Rm 16, além das várias referências a Priscila e Áquila). Esse grupo de setenta pares é composto por homens e mulheres, se considerarmos as indicativas, não apenas do evangelho de Lucas, da participação efetiva das mulheres em diferentes tarefas da atuação missionária, inclusive na itinerância. Conforme Crossan, “essa não foi a única ocasião em que Jesus enviou seus discípulos [e discípulas] como missionários. É bem provável que um procedimento padrão esteja por trás desses dois complexos”¹¹.

A partir de uma visão de conjunto do Evangelho de Lucas entendemos que o lugar em que se situam esses acontecimentos dessa perícopes é o território samaritano. Havia uma hostilidade mútua entre samaritanos e ju-

11 CROSSAN, J. D. O Jesus histórico: A vida de um camponês judeu no Mediterrâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 373.

deus desde o pós-exílio, no período persa. Segundo Ferguson, não é possível determinar um evento constitutivo de uma ruptura; a separação foi um processo gradual, intensificado por antagonismos ligados a momentos alternados de vantagens econômicas e políticas e diferenças religiosas¹². Um foco de tensão criou-se na oposição dos samaritanos à reconstrução do templo. Conquanto a maior parte de práticas religiosas fosse comum¹³, os samaritanos mantinham uma versão própria da Tora, com algumas peculiaridades de tradições israelitas do norte, e aceitavam somente o Pentateuco como texto sagrado. A maior distinção entre eles, porém, estava relacionada com o templo: enquanto na perspectiva oficial judaica a centralidade geográfica religiosa estava em Jerusalém e no Monte Sião, para os samaritanos a cidade de Siquém e o Monte Garizim eram referência religiosa. O evangelista, contudo, apresenta uma intencionalidade propositiva em relação aos samaritanos. No mesmo capítulo de nossa perícopes, a parábola do bom samaritano (10.25-37) coloca este grupo como o que cumpre a Lei em sua plenitude, ou seja, segue o mandamento do amor, e como paradigma de misericórdia. E na parábola dos dez leprosos o samaritano é o que retorna para agradecer e, por essa atitude, reconhecer Jesus.

2.1.2 - As condições

No momento do envio o grupo é alertado que o trabalho é vasto: a colheita é grande, há carência de pessoas para executar a tarefa. Deslocar-se ao campo missionário é como ir a uma colheita quando os frutos estão maduros. Faz-se necessário juntar-se a um mutirão com a consciência da amplitude da tarefa. E há de se ter cautela, ter cuidado com os lobos. Isso pode ser uma referência a Roma, como filha de lobos, e seus representantes oficiais. O poder político está sob espregueira para não deixar tranquilas as ovelhas. Outra recomendação é sobre as condições materiais ou de infraestrutura: não carregar uma mala cheia de ferramentas, mantimentos e elementos que possam garantir certo conforto. Os itens mencionados (bolsa, alforje, sandálias) indicam despojamento e dependência¹⁴. O despojamento

12 FERGUSON, E. *Backgrounds of Early Christianity*. 2. ed. William Eerdmans: Grand Rapids, 1993. p. 500.

13 Crença em um único Deus, evitar imagens, fidelidade à lei dada por Moisés, observância rígida do sábado, circuncisão, festas e o senso de ser povo escolhido vinculado à terra dada aos patriarcas, no caso de Samaria, a José. FERGUSON, 1993, p. 500.

14 CROSSAN, 1994, p. 375-376, citando um estudo de Leif Vaage (Q: *The Ethos and Ethics of an Itinerant Intelligence*. Ann Arbor, University Microfilm Internacional, 1987), indica que os filósofos cínicos andavam descalços e tinham abnegação ao dinheiro, no entanto, não abriam mão do pão e do alforje como sinal de sua auto-suficiência e desprezo pelas formas convencionais de segurança social.

é colocado como constitutivo para a missão. Recomendação semelhante é dada aos Doze (9.1-6), outro número simbólico. “O movimento [de Jesus] evitava deliberadamente a auto-suficiência, buscando um tipo especial de comensalidade junto àqueles que procurava curar.”¹⁵

2.1.3 - As ações

A primeira ação concreta ao chegar aos locais da missão é procurar uma casa e, ao nela entrar, proclamar: a paz esteja nessa casa! Essa assertiva indica um propósito de presença amistosa, um bom desejo, um voto de bem-estar, de bem-aventurança, de bênção para seus moradores. A segunda ação está relacionada com uma atitude: comer do que é colocado na mesa dos anfitriões e do for oferecido (v. 7, 8). A comensalidade e a partilha como rituais sagrados. Se há hábitos alimentares distintos, estes devem ser respeitados. A terceira ação está relacionada com a atuação terapêutica: curar os enfermos. A quarta é anunciar a proximidade do reino de Deus (v. 9). E uma última ação é reservada em caso de se não conseguir concretizar a missão: se forem rejeitados, não devem se deter na rejeição, mas superá-la a partir de um gesto de desconexão com o grupo que rejeita – bater a poeira das sandálias – mas não um gesto de violência, como sugeriram os discípulos ao não serem bem recebidos numa aldeia samaritana (9.54-56). Mais adiante, ao retornarem e ao relatarem o sucesso da obra, são advertidos a não contar vantagens e não se vangloriar dos resultados. Sugere-se, com isso, valorizar mais os processos do que os resultados. A partir disso alguns fios podem ser esmiuçados, entrelaçados com o conjunto do Evangelho de Lucas.

Consideremos que as comunidades cristãs se reuniam nas casas, o local onde se desenvolveram os primeiros núcleos comunitários cristãos. Portanto, os enviados podem não apenas estar procurando as casas como hóspedes itinerantes, mas como um apostolado específico dirigido a uma comunidade já estabelecida na época da redação do evangelho. Podem, por outro lado, estar rememorando alguns elementos de despojamento que fazem parte da missão cristã e que eventualmente estavam sendo esquecidos num contexto em que já encontramos elementos de institucionalização e a fixação de normas e práticas que reproduziam relações hierárquicas e de status social entre a liderança comunitária¹⁶.

15 CROSSAN, 1994, p. 378.

16 Exemplos disso encontramos em textos da tradição paulina como os códigos domésticos de Efésios e Colossenses e as regras de organização comunitária das Cartas Pastorais.

A relação com os samaritanos aparece nesse evangelho de forma amistosa e indica que o primeiro impulso missionário para além das fronteiras judaicas foi em direção ao povo samaritano. Samaritanos são diferentes, mas não estranhos. São da mesma matriz étnico-religiosa; não são na verdade estrangeiros – embora os judeus assim os considerassem, mas vivem a tradição de forma diferenciada e encontram-se em situação de exclusão em relação aos representantes hegemônicos da religião. Esse movimento de aproximação dos mesmos mostra, antes de mais nada, uma abertura para a aceitação, radicalizada na comunhão de mesa, comendo do que existia e do que era oferecido.

Em relação à comunhão de mesa, destacamos que: a) a comensalidade não é esmola nem caridade; b) garantia o sustento, mas não se reduzia a isso; c) evitava pagamento ou gratificações. A comunhão de mesa nos povos antigos era evento sagrado. Sentar-se à mesa de grupos com os quais não se tinha intimidade era um desafio, era uma atitude ecumênica de compartilhar a casa e a mesa comum. E “é justamente por causa da complexa inter-relação entre as categorias culturais que a comida costumava ser uma das principais maneiras de marcar as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais”¹⁷. A recomendação de comer do que fosse oferecido significava aceitar a possibilidade de uma refeição modesta ou mesmo de uma situação de carência, mas mais que isso, a diversidade cultural que implicavam alimentos em grupos diversificados e possíveis constrangimentos de pureza ritual a que refeições pudessem estar vinculadas. Ou seja, não exigir distinções em relação aos alimentos em função de hábitos alimentares diferenciados, inclusive ligados à religião. Vale lembrar que um dos conflitos de Pedro na região fora da Palestina estava relacionado com a comida, o que inclusive teve como consequência a divisão missionária por áreas geográficas em função dessas dificuldades e para evitar constrangimentos em ambos os lados. Portanto, essa comunhão de mesa tornava-se um ato ecumênico.

3 - A paz esteja nessa casa!

Nessa parte proponho destacar as dimensões teológicas e éticas dessa assertiva – a paz esteja nessa casa! – a partir do desafio do Conselho Mundial de Igrejas, com a Década Ecumênica para Superação da Violência

17 FEELEY-HARNIK, G. *The Lord's Table: Eucharist and Passover in Early Christianity. Symbol and Culture*: Filadélfia University of Pennsylvania Press, 1981 apud CROSSAN, 1994, p. 378.

(2001-2010), "As igrejas em busca de reconciliação e de paz". A violência tornou-se banalizada. Ela é consequência e também agravada por situações de injustiça econômica, política, social, cultural, racial e de gênero. Contudo, ela é culturalmente construída e é um problema social e político. Sua superação não depende de medidas restritivas ou apenas de discursos pacifistas, de identificação das múltiplas formas de manifestação e de diagnósticos sobre o alcance de seus efeitos. Cabe ter como horizonte de ação uma cultura de paz, concretizada através de atitudes, projetos e medidas educativas.

No plano bíblico-teológico podemos falar de uma teologia de paz. As próprias igrejas precisam aprender a dizer umas às outras: paz esteja nessa casa! Isso é salutar, quando se percebe que as igrejas não se empenharam suficientemente pela paz nos diversos âmbitos ou até mesmo foram cúmplices da violência e da guerra, como é apontado na reflexão feita pelo CMI:

Reconhecendo a influência de diversos fatores históricos e existenciais na resposta variada das igrejas em situações de violência, a Década exorta ao arrependimento pela cumplicidade na violência e um compromisso criativo com mundo para buscar alternativas.¹⁸

A partir da proposta do Conselho Mundial de Igrejas de uma Década de Ação Ecumênica pela Superação da Violência, considero pertinente retomar alguns elementos dos subsídios teológicos elaborados como apoio às diversas iniciativas em favor da paz e em consonância com o tema da próxima Assembléia em 2006, Deus, em tua graça transforma o mundo. O próprio título desse documento já é sugestivo e desafiador: cultivar a paz, superar a violência: no caminho de Cristo, pelo bem do mundo¹⁹. A seguir, procuro apresentar reflexões a partir de propostas esboçadas nesse documento.

3.1 - Cristologia da paz

Tem se tornado uma tarefa complexa e necessária a de formular

18 CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. Programa Fe y Constitución. Cultivar la paz, superar la violencia: en el camino de Cristo, por el bien del mundo. Disponível em: <<http://www.superarlaviolencia.org/>>.

19 Este documento propõe cinco desafios: 1) arrependimento pela cumplicidade na violência e a apatia na resistência; 2) afirmar a dignidade humana, os direitos dos povos e a integridade da criação; 3) questionar e redefinir o poder; 4) tomar consciência da mutualidade e da interdependência em um mundo com diversas identidades; 5) recorrer ao caminho da paz, da justiça e da reconciliação.

uma nova cristologia da paz como alternativa às cristologias ocidentais que têm se associado a um triunfalismo cristão e à expansão cristã agressiva. Essa tem sido a experiência particular na América Latina a partir da colonização européia. Ao mesmo tempo, cabe perguntar pela possibilidade de articular uma linguagem adequada para anunciar Cristo como caminho de paz, justiça e reconciliação em um contexto multi-cultural como o de nosso continente. Cristo, como encarnação do verbo/logos, torna-se Palavra viva e profética de Deus como o dabar de Deus que cria e transforma. E convida para a transformação do mundo como espaço de graça e paz.

3.2 - Justiça e paz como forma e funções da igreja

A igreja se define por seu ser e por seu fazer. As igrejas são chamadas a se apresentar com visões sociais alternativas que encaram o valor da paz e da justiça através de sua forma e de suas funções, a afirmar a dignidade e o direito de todas as pessoas, a compreender e exercer o poder de maneiras não-violentas, especialmente em relação às maiores vítimas da violência, inclusive a exercida pelas próprias igrejas: mulheres, crianças e jovens. Compreender o poder como poder compartilhado e a organização eclesial a partir do referencial da inclusão de gênero, o discipulado de iguais, pode ajudar a transformar as relações de sobreposição e cultivar a paz.

3.3 - Missiologia de paz/shalom

Uma missiologia de paz pode guiar-se pela visão bíblica de shalom, que aponta para um amplo bem-estar, sem carências, opressão, sofrimentos e constrangimentos, e para a comunhão com os semelhantes e com Deus, e em prenúncio de tempos de relações recriadas nas dimensões pessoal e coletiva. Isso implica num chamado a construir e a transformar-se em comunidades de shalom. Comunidades que procuram transpor as fronteiras de distinções e desigualdades e buscar uma abertura para a aceitação do diferente, do distinto e descobrir a riqueza das distintas tradições culturais e religiosas. O conceito de shalom também recorda o vínculo com a criação e desafia a defender a integridade dessa criação. Essa visão de paz será construída em colaboração com outras comunidades e tradições religiosas e estará comprometida a se empenhar para a inauguração de um mundo de paz com justiça.

3.4 - Espiritualidade para uma cultura de paz

Shalom é a visão de uma forma dinâmica de paz e justiça que articula a esperança escatológica. A resistência e a confrontação com as forças

que impedem o shalom se convertem em importantes expressões de fé. E levam a um novo entendimento sobre o ser cristã e cristão e ao desenvolvimento de uma nova espiritualidade que busca uma prática da fé embasada na ética comprometida em sustentar a interdependência da vida. Essa espiritualidade está orientada para a ação, é criativa, aberta e inclusiva e confronta as estruturas, culturas e forças violentas presentes nas relações em todos os níveis na perspectiva de transformá-las.

A paz é processo contínuo, constrói-se pela não-violência e na dimensão da coletividade. Cultivar a paz é ato e acontecimento ecumênico no mundo que é a nossa casa. Paz seja nessa casa!

Referências

- BARRO, J. H. De cidade em cidade: elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos. Londrina: Descoberta, 2002.
- CASALEGNO, A. Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas. *Perspectiva Teológica*, v. 28, n. 75, p. 191, 1996.
- CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. Programa Fe y Constitución. Cultivar la paz, superar la violencia: en el camino de Cristo, por el bien del mundo. Disponível em: <<http://www.superarlaviolencia.org/>>.
- CHOURAQUI, A. Lucas: o Evangelho segundo Lucas. São Paulo: Imago, 1996.
- CROSSAN, J. D. O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 544 p.
- FERGUSON, E. *Backgrounds of Early Christianity*. 2. ed. William Eerdmans: Grand Rapids, 1993.
- GALLAZZI, S. Eu estou no meio de vocês como aquele que serve à mesa! (Lc 22,27). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 44, p. 113-137, 2003.
- SEIM, T. K. The Gospel of Luke. In: FIORENZA, E. S. (Org.). *Searching the Scriptures. Volume Two: A Feminist Commentary*. New York: Crossroad, 1995.
- RICHARD, P. O Evangelho de Lucas – Estrutura e chaves para uma interpretação global do evangelho. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 44, p. 7-36, 2003.
- REIMER, I. R. E a salvação se fez corpo – Lucas 1-2 numa perspectiva feminista. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 44, p. 37-59, 2003.